

*A História de Fortaleza através da Imprensa e dos Depoimentos dos Idosos**

Gisafran Nazareno Mota Jucá
Universidade Estadual do Ceará

RESUMO

O trabalho elaborado analisa a importância dos depoimentos prestados por pessoas idosas como uma opção metodológica capaz de propiciar uma melhor compreensão da História Urbana de Fortaleza. A dimensão da memória dos velhos indica uma experiência profunda que ultrapassa as condições de abordagem presentes na imprensa, permitindo investigar os temas presentes no cotidiano da vida urbana, fazendo emergir uma nova forma de recuperar o passado.

Palavras-chaves: história urbana, história oral, memória de idosos.

ABSTRACT

This article analyses the importance of old aged people's narratives as a methodological option that would give us a better understanding of Fortaleza's urban history. The dimension of old aged people's memory points to a deep experience that surpass the press' approaches. Besides, it brings about a new way of recovering the past into the investigation of the present themes in the actual urban life.

Key-words: urban history, oral history, old aged people memory.

A opção em selecionar os jornais como uma fonte básica para a elaboração de uma tese¹ resultou do reconhecimento dos diários como um canal precioso de divulgação dos acontecimentos registrados, que permitem colher a diversidade de informes e opiniões acerca do cotidiano urbano estudado. Por se tratar de órgãos difusores de notícias e de opiniões,

sedimentados em tendências interpretativas decorrentes da postura ideológica e comprometimento político da direção dos órgãos de imprensa, a decisão de consultar mais de um periódico teve, como princípio, além do simples registro das ocorrências da vida urbana e da ação das autoridades administrativas ante os problemas surgidos, confrontar a disparidade de versões acerca dos temas selecionados.

Desse modo, justifica-se a seleção de um jornal como O Povo, que procurava firmar-se ante a concorrência de outros noticiosos, como os jornais dos Diários Associados, difusores da visão da elite local, na busca de um público leitor, que lhe garantisse o reconhecimento público. Além disso, a posição tomada ante os acontecimentos divulgados nem sempre seguia um mesmo roteiro, em prol da defesa das autoridades constituídas, variando de acordo com o teor do assunto tratado e da sua relação com os objetivos defendidos pelos diretores do Jornal.

A importância dos órgãos de imprensa, na coleta do registro de ocorrências em diferentes setores da vida urbana, é indiscutível, uma vez que os informes registrados servem de complemento às limitações presentes nos documentos oficiais, permitindo uma melhor dimensão dos assuntos tratados, principalmente quando o objeto abordado provoca polêmica ou repercute no meio social. Muitos dados ou mesmo esclarecimentos a respeito da infra-estrutura urbana brotam de forma variada, em diferentes reportagens ou artigos, possibilitando o acúmulo de informações desejadas.

Entretanto, mesmo encontrando em jornais como O Povo, Correio do Ceará, Unitário, informações substanciais sobre os diferentes aspectos da vida urbana, em Fortaleza, percebe-se a distância social entre os órgãos noticiosos e a realidade social que ultrapasse os limites do suporte ideológico de uma elite, na defesa da qual eles se situam, sempre ansiosa em estabelecer o controle e a ordem almejada.

Por isso, a consulta a outros noticiosos não se limitou a simples oportunidade de obter mais subsídios, que servissem de complemento aos temas discutidos. A utilização do jornal O Nordeste, como outra fonte básica, resultou da preocupação em recorrer a uma forma diferenciada de encarar a realidade cotidiana, considerando-o como meio de afirmação da Igreja Católica, na defesa de seus princípios doutrinários e na divulgação de suas mensagens, muitas vezes, como voz discordante da postura laica, outras como solidária aos valores tradicionais defendidos por outros órgãos noticiosos.

Se considerarmos o total dos temas tratados em nossa tese, apesar de, na maioria deles, a presença d'O Nordeste constituir um recurso

complementar aos informes obtidos, é sobretudo no V Capítulo, O Lazer e o Prazer nas Ruas,² que o conteúdo exposto se apóia nas notícias e, principalmente, nos comentários apresentados pelos articulistas católicos, acerca da preservação dos valores morais, considerados desrespeitados pelos comportamentos sociais presentes, numa cidade em crescimento. A quebra dos padrões comportamentais que, por muito tempo, permaneceram garantidos, de acordo com a tradicional formação social sempre moldada pela Igreja, se difundia de forma inusitada, não como uma manifestação exclusiva de uma juventude local, na busca de uma afirmação contestadora.

A mudança de costumes, principalmente nas formas de lazer, constituía uma comprovação da presença da influência americana no novo modelo de vida adotado, que tinha no cinema e no rádio um meio eficaz de difundir o perfil modelador de atitudes e ações, que relegavam o controle imposto pela formação tradicional. Como exemplo das inovações temidas, observe-se a oposição da Igreja Católica ao uso de calções e “maillots”, que chegou a recomendar aos padres que não perdoassem “[...] as penitentes que se acusarem do uso destes”.³

Da mesma forma, os constantes comentários a respeito dos filmes considerados indecorosos dirigiam-se às autoridades judiciárias, na tentativa de impor restrições à exibição de fitas que ofendiam as verdades estabelecidas, desrespeitando os padrões comportamentais recomendados. O ardor do combate travado em prol da vigilância moralista também se dirigia aos concorridos programas de auditório, geralmente realizados aos finais de semana, em algumas emissoras locais:

Em abril de 1948, criticava-se um tal ‘Bodu’ por proferir imoralidades no auditório de uma emissora local, [...] diante uma platéia animalizada ou desclassificada que lhe aplaudia alvarmente as despudoradas anedotas ou as cantigas indecentes”. E Grande Otelo, artista consagrado no país, era taxado de ‘Negro Otelo’, ou melhor, um ‘[...] negrinho insolente e mal educado’.⁴

Se a dimensão da abordagem sobre a História Urbana atingiu outros contornos recorrendo a um noticioso de tendência religiosa, mesmo assim a sua profundidade dificilmente poderia ser atingida, sem a descoberta de um jornal mais contestatório: O Democrata, órgão de expressão do Partido Comunista Brasileiro. É bem verdade que a liberdade de Imprensa, no Brasil, sempre foi limitada, principalmente se considerarmos a longa duração dos períodos autoritários, como o governo getulista ou o regime implantado em 1964. Todavia, com a redemocratização iniciada em 1945, tendo como molde

a vitoriosa democracia americana, que derrotara os regimes autoritários, as circunstâncias levaram o governo brasileiro a garantir o direito de livre expressão, seja através da imprensa ou mesmo nos jornais que defendessem a temida ideologia de esquerda.

A princípio, a consulta a O Democrata não nos parecia muito promissora, uma vez que as manchetes de primeira página e sobretudo os editoriais sempre se apegavam aos princípios doutrinários defendidos pelo marxismo, onde a esperança de Revolução e a constante condenação aos ideais burgueses tornavam-se repetitivos, como se fosse a ordem do dia a ser cumprida. Entretanto, uma leitura mais atenta do jornal nos mostrava uma outra dimensão.

A preocupação em seguir o roteiro da dialética, na busca da conscientização da classe oprimida, transformava as notícias ou o teor das análises apresentadas num importante recurso de compreender outros aspectos da vida cotidiana da cidade, transmitida por novas abordagens acerca de novos agentes da história urbana. Desse modo, a dimensão da pobreza urbana, expressa nos problemas enfrentados pela população carente, em bairros antes inexpressivos, proporcionava uma compreensão mais abrangente da urbanização estudada.

Desde a descrição dos bairros pobres, como Pirambu, Floresta ou Aerolândia, inclusive com apresentação de dados numéricos importantes para compreender o índice de pobreza, ou mesmo a denúncia sobre a exploração da mão-de-obra operária e a restrição do valor do salário mínimo estabelecido, o crescente subemprego dos vendedores ambulantes, a prostituição, o papel das associações de bairros como movimento contestatório, a ineficácia do assistencialismo prestado aos flagelados pela Hospedaria Getúlio Vargas, a deficiência dos serviços urbanos e principalmente o desamparo ao menor e o combate à pobreza, todos esses assuntos tiveram como fonte principal O Democrata.⁵

Até mesmo em relação a uma outra dimensão da vida social, como em relação aos clubes existentes na cidade, o referido jornal apresenta os seus comentários, que parecem fugir ao roteiro traçado pela proposta comunista:

depois de longos anos de árduas lutas, ora encetadas contra os descrentes, ora levantadas contra a própria natureza, os almejados dirigentes do Náutico Atlético Cearense, num esforço hercúleo e sobre-humano, edificaram as majestosas praças de esportes do querido e tradicional grêmio alviverde, que amanhã, em notável solenidade, serão entregues à família associada, a fim de

que a nossa juventude possa se divertir sadiamente e melhorar as condições físicas da raça.⁶

Todavia, a decisiva contribuição do jornal O Democrata à compreensão da História Urbana de Fortaleza consistia na preocupação, sempre manifesta em seus exemplares, em apontar as mazelas expostas nos bairros pobres da cidade, nem sempre considerados prioritários à aplicação dos recursos disponíveis nos órgãos municipais. Veja-se, por exemplo, a situação do bairro Pirambu, diversas vezes comentada por esse jornal. A sua definição, estampada no referido noticioso, era singela, mas apresentava um conteúdo sobretudo social:

[...] um prolongamento do Arraial Moura Brasil, tanto territorial como no sofrimento do povo[...].⁷

Também o jornal indicava a existência de uma sociedade feminina, na luta pela posse da terra e reivindicando as melhorias desejadas, pois a crença nos ideais do Partido Comunista estimulava a esperança, segundo a qual

unido e organizado, fortalecendo a Sociedade Feminina do Pirambu, o povo conseguirá algo para seu bairro.⁸

Constata-se, igualmente, a dimensão da influência do P.C.B. na sociedade local, através da atuação da Federação das Mulheres Cearenses, em 1950, que mantinha representantes na maioria dos bairros da cidade e

congrega em suas fileiras as mulheres progressistas de nossa terra [...] que possuem consciência da missão social que lhes assiste, que não é apenas ter filhos [...] mas de lutar pela melhoria das condições de vida, pelo progresso social.⁹

Na luta contra o custo de vida, as reivindicações dirigiam-se aos operários e à classe média, pois o aumento dos preços só não incomodava as "senhoras pequeno-burguesas".

Também por intermédio do jornal tinha-se uma idéia do cálculo possível do número de mocambos e de seus moradores, apesar da maleabilidade dos dados apresentados. Chegava-se a afirmar que, aproximadamente, um quarto da população fortalezense vivia em casebres, muitos deles situados em terrenos públicos.

No enfoque da oscilação da remuneração das diárias, pagas aos

operários, e no estabelecimento de sua relação com o preço dos gêneros alimentícios, fica demonstrada a desvalorização do trabalho remunerado ante a subida de preços registrada. O valor do salário mínimo consta no Anuário do IBGE, mas a maneira de pagá-lo ou a variação do seu real valor estão presentes nos relatos apresentados no jornal comunista.

A descrição do estado das escolas mantidas pelo Município, nos bairros pobres, dá-nos uma visão das suas condições de funcionamento:

[...] instaladas impropriamente, em geral as salas de frente de humildes residências, cujas famílias as abrigam, pequenas, sem areação, sem um mínimo conforto, não possuem sequer, pateo para recreio, aparelhos sanitários, móveis e material escolar.¹⁰

O drama da migração cearense e o sofrimento dos abrigados na Hospedaria Getúlio Vargas, também divulgados por outros jornais, tinham sua análise aprofundada nos insistentes comentários publicados pelo O Democrata.

Diante da significativa contribuição dos informes e dados divulgados pelos jornais, que se tornaram imprescindíveis à complementação acerca da história urbana de Fortaleza, uma indagação se apresenta: quais os limites dos órgãos de imprensa como fonte histórica? Se partirmos do pressuposto que o uso da História Oral representa apenas uma opção na busca de fontes complementares, pouco valor lhe poderia ser atribuído.

Entretanto, é bom não esquecer que os jornais, embora constituindo uma valiosa fonte de consulta, representam, em especial, um canal transmissor de um posicionamento ideológico, de acordo com os pressupostos definidos pela entidade à qual pertencem. Conseqüentemente, o rico substrato fornecido pelas notícias e principalmente através dos artigos, neles divulgados, limita-se aos marcos definidos por cada um dos noticiosos que norteiam o teor das mensagens transmitidas a um determinado meio social. Daí a divergência de abordagem entre o enfoque apresentado pelo Nordeste, por exemplo, dentro da visão católica, e a polêmica análise do Democrata, cuja cobertura sempre se apóia numa análise dialética da realidade social, na busca de uma ação redentora, que possa modificar as contradições sociais denunciadas.

Desse modo, os jornais se nos apresentam, individualmente, como se cada um deles fosse um coral, onde divergentes modalidades de expressão são apresentadas, mas sempre dirigidas por um maestro, simbolizando o comprometimento político e social de seus diretores. Por isso, os testemunhos apresentados ou as opiniões divulgadas sempre se adequam aos princípios

éticos, orientadores dos órgãos noticiosos.

A decisão de recorrer à História Oral não resultou de um simples propósito de aumentar as informações procuradas, com o intuito de complementar abordagem relativa a determinados assuntos, tratados de forma incompleta por outras fontes, mas sobretudo da descoberta do significado substancial do seu conteúdo, expresso por intermédio dos depoimentos orais. Além disso,

“[...] la historia oral no es sólo un instrumento heurístico para llenar vacíos em la historia contemporánea que, sin ser una medicina para curarlo todo, aporta posibilidades em absoluto agotadas de las condiciones de vida cotidianas. Antes que nada, la historia oral interviene em la ciência histórica em base a empezar a estimar el carácter y la práxis histórica de la masa de sujetos(abreviando:del pueblo)”.¹¹

A escolha de pessoas idosas a serem entrevistadas não decorreu, portanto, da procura de informes complementares às fontes escritas pesquisadas. A leitura da obra de Ecléa Bosi levou-nos a uma conscientização do valor das informações prestadas por pessoas de idade avançada, no trato de temáticas históricas, pois o enredo obtido ultrapassa os estreitos apanhados de dados e informes escritos.

A inserção de pessoas, que antes não constavam no rol dos agentes do processo histórico, abre novas perspectivas de compreensão, uma vez que amplia o espaço social abordado.¹² Por outro lado, o acúmulo de depoimentos a serem relatados pode limitar a tarefa de inserção do material coletado a uma forma mecânica de aumentar o teor do conteúdo tratado. Se tal procedimento for adotado, logicamente a maneira de trabalhar com os informes coletados corre o risco de limitar a nova metodologia adotada.

A divulgação de longos mas cativantes depoimentos, à primeira vista, parece afastar o historiador do enredo apresentado, como se ele tivesse de permanecer na função de espectador da narração, sem poder participar do processo. Frente aos relatos selecionados, qual a função do historiador, na realidade, o verdadeiro responsável pela elaboração final do trabalho, quando não pode barrar a força da subjetividade, na interpretação apresentada? Não haveria a possibilidade de uma submissão ao estímulo de uma metodologia, que se apresenta como inovadora e, portanto, digna de crédito?

A ponderação rigorosa de classificar as técnicas da História Oral provoca um questionamento que nos remete a uma comparação: não estaríamos, de modo inconsciente, ao valorizar a narrativa na reconstrução

do passado, fazendo ressurgir a força de um legado positivista de ser fiel à fonte utilizada, a fim de melhor descobrir a verdade histórica?

Claro que uma classificação esporádica poderia levar a tal dedução. Todavia, é bom pressupor o valor intrínseco do uso da História Oral, pois o conteúdo narrado envolve, além de simples informações, a riqueza do mundo interior do depoente, expresso por intermédio de uma memória restauradora, onde o conteúdo exposto não reflete apenas um senso individual de abordagem, mas que descortina um espaço social mais abrangente, constituído pela memória coletiva. E o teor dos depoimentos obtidos vai mais além de que um simples relato contido num documento tradicional, pois revela uma potencialidade ainda maior, quando escolhemos pessoas idosas para serem entrevistadas.

A dimensão da memória dos velhos deixa transparecer sua profundidade, principalmente se considerarmos o espaço social reservado aos idosos, nas sociedades contemporâneas. O respeito e a veneração aos idosos sempre figuraram na nossa tradição cultural, considerando o papel atribuído a eles na família e, conseqüentemente, na educação dos mais jovens. Contudo, se considerarmos as mudanças registradas na sociedade contemporânea, sobretudo nas últimas décadas, a crescente valorização da competição social como vetor primordial na dinâmica das experiências cotidianas, observa-se uma busca de novos símbolos, relativos às transformações desejadas.

Para acelerar a perspicácia integrada ao progresso inovador, os agentes do processo histórico foram sendo substituídos, rompendo toda uma tradição existente, que mantinha acesa a chama do respeito às pessoas idosas. De forma gradativa, o que é velho ou a ele se associa passou a ser considerado como algo a ser descartado, a fim de agilizar a dinâmica da vida social.

A preferência pela escolha dos mais jovens, em diferentes setores da produção ou mesmo do comércio distribuidor atingiu um nível diferenciado da tradição cultuada, levando à aceitação da necessidade de afastar o velho dos temas tratados ou divulgados. A divulgação de propagandas, em que os jovens constituem os agentes primordiais à captação das mensagens divulgadas, passou a explorar principalmente a figura feminina, em que a sensualidade e a beleza retratadas servem de argumento convincente a despertar, no comprador, a aceitação da mensagem divulgada.

Nas táticas de propaganda e convencimento de um mercado comprador, o velho é afastado dos destaques anunciados, como se constituísse algo inexecutável aos interesses imediatos. Com o passar das décadas, cada vez mais o velho foi sendo marginalizado, principalmente se considerarmos

a posição social do idoso. É sobretudo entre os pobres que os velhos são relegados a um segundo plano, vivendo na dependência de familiares ou isolados em abrigos, quando têm oportunidade de apoio. Muitas vezes a assistência prestada relaciona-se à aposentadoria recebida pelo idoso, que passa a ser manipulada pelo responsável por ele.

A descoberta do valor presente na lembrança dos velhos, mais uma vez, nos é apresentada por Ecléa Bosi:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual.¹³

A arte de narrar ganha um significado especial, quando confiada a pessoas de idade avançada. Além de uma longa experiência de vida, o velho possui uma liberdade maior em relatar o que lhe for indagado. O que o diferencia dos jovens ou mesmo dos adultos envolvidos na dinâmica da sociedade atual prende-se, essencialmente, à liberdade por ele desfrutada de não medir palavras ou abordagens, com medo de ferir ou denunciar os envolvidos no ramo de trabalho em que se situam. O compromisso profissional ou mesmo hierárquico já não se faz presente como barreiras, que o impeçam de avançar por veredas pouco recomendadas, deixando-o temporariamente liberto da reclusão e do silêncio, impostos pela sociedade de mercado, que relega o idoso a um produto descartável.¹⁴

À primeira vista, ao consultar o conteúdo das entrevistas realizadas com pessoas idosas, em Fortaleza, o indício de simples complemento às informações, anteriormente obtidas nas fontes escritas, parece aflorar. O relato acerca do primeiro contato com os pontos atrativos da cidade, a descoberta dos banhos de mar como uma modalidade de lazer, a atração exercida pelas principais lojas, sempre lotadas, o impacto provocado pelo aumento das passagens de ônibus ou mesmo as informações a respeito da vida doméstica, constituem, é verdade, uma ampliação dos informes contidos em outras fontes. Entretanto, nos meandros dos depoimentos prestados, penetra-se um pouco mais além da simples paisagem exterior da cidade através de algumas lembranças que refletem o mundo interior dos entrevistados. Na verdade,

A informação nova trazida pelo depoimento oral está na forma pela qual o relato dimensiona e faz emergir[sic] os acontecimentos, dando contextualidade às opções tomadas e novas cores aos perfis de personagens muitas vezes conhecidas.¹⁵

A sensação de sentir-se isolado, diante do ímpeto da modernidade dos dias atuais, bem expressa os motivos de valorização do passado, conforme demonstra o depoimento do Sr. Raimundo Pinto de Mesquita:

Eu tenho muita saudade desse tempo, porque nesse tempo as coisas eram fáceis, era tranqüilo, um respeito que hoje não tem mais.¹⁶

Embora considerando “as coisas” mais fáceis no hoje, pois nem todos podiam possuir o que desejavam, aquele tempo ainda era tido como muito bom. A solidão imposta aos idosos não constitui apenas uma recordação isolada de um depoente, mas permanece transparente nas entrevistas feitas. Para D. Maria da Expectação Farias Campelo,

na cidade antiga o pessoal era mais guardado... Eu tenho saudade, mas procuro esquecer porque saudade mata... Eu sinto saudade da vida que eu tinha... Hoje só existe eu.¹⁷

Ao analisar as entrevistas, foi possível realizar um estudo mais preciso sobre a memória da cidade de Fortaleza, graças à riqueza dos depoimentos acerca da história de vida dos indivíduos de condição social inferior. A partir dos relatos apresentados pode-se observar qual o espaço ocupado por esses novos agentes históricos e, através deles, percebe-se a visão de tais pessoas a respeito da cidade de Fortaleza. O Sr. José Júlio da Ponte relembra:

Eu tinha 12 anos em 1918 quando vim pela primeira vez a Fortaleza. Tinha bonde, tinha a Light, mas não tinha calçamento no leito do trilho. A passagem do bonde era na área central. A via férrea ligava a praça do Ferreira à estrada de ferro. No Jacarecanga e Padre Mororó, que ia até a Tereza Cristina, as calçadas eram altas, cheias de batentes por causa do terreno”

Para Ele, o bonde representava algo mais do que um simples transporte urbano:

Passear de bonde era uma distração, era barato. A primeira experiência, meu tio me preveniu logo: ‘olhe, não vá descer com o bonde em movimento e eu perguntei por quê; porque cai, você não tem prática’ Acontece que eu assisti um filme de aventura, em que o sujeito pulava. Ai resolvi imitar, dei o sinal

pro bonde parar, a minha proposta era do jeito que o bonde vinha eu pular – ainda hoje tava rolando – só que eu não pulei

De acordo com a paisagem urbana descrita,

Em Jacarecanga tinha uns palacetes onde morava famílias ricas. O velho Filomeno Gomes morava ali, era um palacete de chamar atenção. O Benfca era da mesma época, Jacarecanga se destacava mais, pois tinha palacetes. A Aldeota, eu não andava, vim ver depois. Tinha a praia de Iracema. O Castelo do Plácido era de chamar atenção. Depois do Colégio Militar não tinha mais nada, só areia e mato até a Santos Dumont.¹⁸

Pelos depoimentos dos entrevistados, detectou-se que tipo de vida as pessoas usufruíam na cidade. Ao falarem de seu tempo, cada um deles deixou fluir suas lembranças da cidade, num tempo mais antigo que provoca muitas saudades.¹⁹ Homens e mulheres falam cada um à sua maneira da própria experiência de vida e os que provinham do interior apontavam os motivos que os trouxeram à capital. O Sr. Amando Dionfício de Lima explica:

Vim para Fortaleza no fim de 1947, tinha 25 anos. Minha profissão foi agricultor lá no sertão, mas, aos 17 anos eu me trepei num caminhão e fui viver como motorista. Eu vim aqui para trabalhar, numa Empresa de ônibus, Tabajara, de um amigo. Era uma empresazinha de três ônibus. Depois fizeram um negócio e ampliaram a empresa, e compraram a Auto-Viária Cearense, que era de um grande comerciante aqui, o Aldísio Pinheiro.

O impacto de uma cidade em crescimento o impressionou:

Ah, quando eu cheguei, Fortaleza era bem diferente. Era grande, monstruosa. O que mais me chamou atenção foi os acabamentos. Fortaleza sempre foi uma cidade de calçadas feias. Um grande cronista social, que foi muito conhecido, o Caio Cid, exaltava muito Fortaleza, mas ele dizia que comparava Fortaleza com pavão. Era uma cidade muito bonita, mas os pés eram feios, justamente as calçadas eram feias. Mas o que me admirava mais, primeiros foram as vitrines. Em segundo aqueles acabamentos de granito.²⁰

Através das entrevistas, pode-se perceber o espaço ocupado por estes novos agentes históricos, que, de uma forma simples, falam de um jeito próprio de uma cidade que se dizia moderna, mas pouco desenvolvida, que passou a sentir a idealização do progresso após os anos cinquenta, representando, para muitos, a individualização das pessoas numa ruptura com a tradição coletiva.²¹

Vale ressaltar que a decisão de entrevistar mulheres associa-se à necessidade de ampliar o espaço social dos entrevistados. Mesmo tratando-se de pessoas simples, apesar das possíveis diferenças do espaço social de cada uma delas, é importante levar em conta as especificidades que circundavam o cotidiano masculino e feminino, considerando-se a rígida estrutura social da época. Na verdade, tal diferenciação de espaços sociais se evidencia quando se divisa um maior envolvimento dos homens com um ambiente além dos limites da vida doméstica, que lhes permitia uma maior participação na vida social.

O casamento representava um marco decisivo na vida de uma jovem, fazendo mudar o comportamento social permitido a uma solteira, pois, a partir de então, o esposo passava a representar o alvo central da ação feminina, sempre voltada a servir e a cumprir as normas impostas pelos padrões da época. Observe-se, neste depoimento, a mudança comportamental imposta pelo casamento:

Na Praça do Ferreira antigamente tinha uns cafés, que eu não lembro o nome. A gente entrava, era tudo direito, tudo decente. Lembro que no carnaval foi todo mundo pra lá, eu, minhas primas, todas brincando. Nas mesas tinha chocolate, a gente jogava confete. Toda mocidade brincando dentro dos cafés. Aí me casei e só saía acompanhada de minha mãe. O meu marido era muito ciumento, mas eu era muito feliz com ele” Outra mudança registrada: “antes do casamento eu ia pra Praia de Iracema pro banho de mar. Lá tinha casas bonitas. Com portões de ferro e varandas. E os maiôs não era como os de hoje não, era de tecido, mas bem bonitinho. Eu passava o ano me olhando no espelho, para ver se tava certo para eu ir pra praia. Todo mundo tomava banho junto, rapazes e moças.²²

Desse modo, o espaço social da vida cotidiana de Fortaleza é ampliado, com a abertura de novos canais que permitem ir além da versão contida nas fontes impressas. As entrevistas de pessoas idosas constituem um apoio à recomposição do passado. Por isso, é importante dar voz a pessoas de origem singela, reconhecendo-as como agentes e testemunhas de processo histórico. A reconstituição do ontem se torna mais ampliada uma vez que as recordações pessoais remetem-nos a uma memória coletiva, servindo de apoio a uma aproximação entre o passado e o presente.

Ao recordarem momentos de sua mocidade, quando Fortaleza ainda era uma cidade pequena, de poucas lojas com vitrinas e atrativos produtos, com a substituição dos bondes por precários ônibus em ruas mal iluminadas, os depoentes nos falam desse tempo com entusiasmo e nostalgia, ao relatarem

suas histórias de vida, numa cidade pouco desenvolvida, porém mais humana e solidária.

Lembranças das retretas nas praças, dos passeios de bondes, dos cinemas, dos banhos de mar, das conversas nas calçadas, dos cabarés e suas meretrizes, ficaram guardadas na memória dos novos agentes históricos, que nos fornecem depoimentos importantes, às vezes, menos limitados à compreensão histórica do que determinadas fontes documentais impressas, bitoladas pelo teor político de suas exposições.

Na verdade, sem negar os ganhos obtidos com a modernidade, é bom lembrar que

Não só o que vemos, mas também nossos próprios olhos estão saturados da linguagem escrita. Ao longo dos séculos, o hábito da leitura transformou o Homo sapiens no Homo Legens. Mas esse Homo Legens não é mais sapiens que seus antepassados. O homem que não dominava a leitura podia ver e escutar muitas coisas que hoje não somos capazes de perceber...²³

Examinando determinados trechos dos depoimentos que se referiam a alguns líderes políticos, venerados com admiração e respeito, tem-se a impressão de um súbito retorno às fontes escritas. O perfil redentor de Vargas assim era apresentado:

aqui tinha muitas fábricas, a do Filomeno Gomes. Se pagava salário, mas era pouco. O salário mínimo foi marcado só depois da passagem de Getúlio Vargas no Ceará, antes não tinha salário mínimo, nem aposentadoria. Eu cheguei a ver o Getúlio Vargas, foi ele quem deu a mão à pobreza operária. Quando ele veio aqui muita gente foi ver. Quando ele morreu, aqui no Ceará teve três dias de luto.²⁴

Até o desenvolvimento da cidade pode ser atribuído a uma atuação de determinados líderes políticos, como se constata no depoimento prestado pelo Sr. Raimundo Pinto Mesquita:

Fortaleza começou a se desenrolar com o General Cordeiro Neto que foi Prefeito de Fortaleza, também Paulo Cabral ajudou a engrandecer a cidade. Acrísio Moreira da Rocha também foi um grande prefeito, mas um prefeito moderoso e que trabalhou a serviço do pobre, pobre só pagava aquilo que podia pagar, foi o prefeito do pobre. Lembro muito do Deputado Péricles Moreira da Rocha que foi um grande estadista que conhecia a história do nosso povo junto com Carlos Jereissati, que foi adotado pelo Presidente Getúlio Vargas, foi quem deu a Ele cobertura para Ele ser importador do linho holandês para o Brasil sem pagar o imposto federal.²⁵

Tal definição de determinados líderes não subestima a validade dos depoimentos obtidos através da História Oral. É preciso dimensionar a força da propaganda política ou mesmo do clientelismo num contexto político, em que o controle dos meios de comunicação - na época destacavam-se os jornais e principalmente as emissoras, - que, através de propagandas divulgadas, garantiam a veneração dos esperados redentores da política. Para uma possível definição de tais lideranças basta transpor o conceito de líder carismático, proposto por Weber, também assim definido por Antonio Gramsci:

Um outro elemento que na arte política leva à reviravolta dos velhos esquemas naturalistas é a substituição, na função diretiva, dos organismos coletivos (os partidos) pelos indivíduos singulares, pelos chefes individuais (ou carismáticos, como diz Michels).²⁶

Portanto, a força dos líderes considerados carismáticos, mesmo em se tratando de demagogos que se apresentam como redentores, apesar do controle político estabelecido ou das fragilidades das instituições democráticas, repercute com intensidade, em qualquer modalidade de fonte utilizada, para recompor o passado histórico.

Para que se possa divisar a presença de outros personagens no cenário urbano, observe-se o caso do Clube Náutico Atlético Cearense, estampado nos cartões postais como um símbolo da modernização, representada pela posição social de uma elite, que constituía seu corpo de associados. Entretanto, a edificação da obra também contou com a participação de pessoas simples, antes desconhecidas ou distanciadas do pedestal inovador erigido. De acordo com a opinião do Mestre de Obras João Francisco dos Santos:

Trabalhei uns cinco anos na construção do Náutico, fiz todas aquelas colunas, fiz o salão artístico, o salão nobre, aquele vestiário dos atletas. O clube foi inaugurado por etapas[...] Esse serviço do Náutico foi grande destaque na minha vida.²⁷

Em geral, na maneira de conceber da sociedade contemporânea, baseada na competição e na tentativa de destruir o que é velho como uma forma de inovar a sociedade, é imprescindível apontar o vencedor. Todavia, em se tratando da busca de uma compreensão histórica, o novo e o velho se cruzam, na busca de resgatar o conteúdo temático escolhido.

Por isso, o relato das dimensões históricas da vida urbana se apoiou em fontes escritas e depoimentos orais. A validade na utilização desses últimos,

sem querer relegar o valor dos documentos tradicionais, consiste na oportunidade oferecida de se obter um maior aprofundamento no tema estudado, quando a experiência individual se envolve numa memória coletiva, fazendo-nos descobrir novos agentes na História, antes restritos a determinadas funções sociais.

NOTAS

^{*} O presente artigo constitui o capítulo 5, "A Busca de uma Trilha no Labirinto das Fontes", extraído da nossa Tese apresentada ao Concurso de Professor Titular do Departamento de História da UECE, em 2001, intitulada "Fortaleza na Visão dos Velhos".

¹ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *Verso e Reverso do Perfil Urbano de Recife e de Fortaleza: 1945-1960*. Tese de Doutorado em História Social, Universidade São Paulo, 1993, 566p. A parte relativa a Fortaleza foi publicada pela Editora Annablume, de São Paulo, com apoio da Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, em 2000, 196p.

² Cf. JUCÁ, G. N. M., op. cit., p. 392-440.

³ *Ibidem*, p. 401.

⁴ *Ibidem*, p. 424.

⁵ *Ibidem*.

⁶ *Ibidem*, p. 404-405.

⁷ *Ibidem*, p. 100.

⁸ *Ibidem*.

⁹ Cf. *Jornal O Democrata*, Fortaleza, 17 jul. 1948 e 25 jan. 1950.

¹⁰ Cf. *Jornal O Democrata*, Fortaleza, 15 dez. 1947, p. 3.

¹¹ NIETHAMMER, Lutz. Para Qué Sirve La Historia oral in LOZANO, Jorge Aceves (Compilador). *Historia Oral*. México: Amacalli Editores, 1993, p. 47.

¹² A esse respeito merece destaque a análise apresentada por MARTINS, José de Souza. *Sociabilidade do Homem Simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2000. Vide, em especial, o capítulo 4, Apontamentos sobre a vida cotidiana e História, onde, baseando-se em Henri Lefebvre, destaca que "...a noção (e não o conceito) de cotidiano só tem consistência se se levam em conta as contradições do processo histórico, o cotidiano como contraponto (e alienação) da História. O cotidiano não tem sentido divorciado do processo histórico que o reproduz", Cf. p. 102.

¹³ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de Velhos*. 3ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 82-83.

¹⁴ Para perceber a identificação dos idosos nas sociedades contemporâneas, nada melhor do que ouvir Nibert Elias: "Não é fácil imaginar que o próprio corpo, cheio de frescor e de sensações prazerosas pode tornar-se lento, cansado, torpe. Não é possível imaginá-lo, nem no fundo se quer imaginar. Para expressar de outro modo: a identificação com os que estão envelhecendo e com os que estão morrendo está cheia de compreensíveis dificuldades para os que estão em outros grupos de idade. De uma maneira consciente ou inconsciente, as

peças resistem por todos os meios à idéia de sua própria velhice e de sua própria morte.” ELIAS, Nobert. *La Soledad de los Moribundos* apud DEBERT, Guita Grin. *A Reivencão da Velhice*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999, p. 235.

¹⁵ GOMES, Ângela de Castro et al. *Velhos Militantes: depoimentos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 8.

¹⁶ Entrevista realizada em nov. 1996.

¹⁷ Entrevista realizada em out. 1996.

¹⁸ Entrevista realizada em set. 1996

¹⁹ Por isso, torna-se importante “... um enfoque reflexivo, que Jô Stanley há caracterizado como aquele que ‘se hace cargo de los costes psíquicos de uma entrevista, tanto para quien la realiza como para la persona entrevistada’” – Cf. STANLEY, Jô apud RICKARD, Wendy. *Historia oral, trauma y tabu in Historia Antropologia y Fuentes Orales*, Barcelona, Publicacions Universitat de Barcelona, n.23, p. 123, 2000.

²⁰ Entrevista realizada em maio 1996.

²¹ Tal individualização se intensificou nos dias atuais, conforme aponta o sociólogo americano Richard Sennett, “ao constatar como a sociedade contemporânea se caracterizaria pela ‘tirania da intimidade’, que se exprime numa vida pessoal desequilibrada e uma esfera pública esvaziada” – Cf. ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 109.

²² Entrevista realizada em jun. 1996.

²³ Cf. CALVINO, Ítalo. A Palavra Escrita e a Não Escrita in FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína(Orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 143-144.

²⁴ Entrevista realizada em maio 1996.

²⁵ Entrevista realizada em nov. 1996.

²⁶ Cf. BOBBIO, Norberto. *Ensaio Sobre Gramsci e o Conceito de Sociedade Civil*. Trad. Marco Aurélio Nogueira e Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 100.

²⁷ Entrevista realizada em abr. 1996.